

RICHARD RORTY E A ÉTICA DA SOLIDARIEDADE

André Luís GONÇALVES¹

RESUMO

O texto artigo apresenta o raciocínio Ético-moral segundo os pragmatistas, propriamente do filósofo norte-americano Richard Rorty. Aborda sobre a guinada que aconteceu no entendimento da verdade ética contemporânea, colocando uma nova forma de encarar a conduta humana, não como lei universal, mas como um comportamento lingüístico, ou seja, um conjunto de justificações éticas. Conclui argumentando que é impossível estabelecer uma forma de conduta universal. Por este motivo Rorty apresenta uma ética da solidariedade. É possível manter um diálogo com o diferente e coincidir o que de bom cada cultura oferece para o mundo.

Palavras-chave: Pragmatismo; Ética; Linguagem; Justificação; Solidariedade.

⁽¹⁾ Mestrando em Ética (PUC-Campinas).

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo apresenta várias vertentes éticas, ainda em fase de gestação. Hoje, o paradigma ético não se resume somente ao racionalismo, idealismo ou mesmo ao empirismo. Existe também uma versão ética bastante sofisticada no pragmatismo norte-americano de Richard Rorty. Herdeiro de Davidson, Rorty diz que é possível estabelecer um diálogo ético em meio às diferenças culturais do mundo atual. A condição indispensável para este diálogo é a busca do conhecimento mútuo entre as pessoas e culturas, absorvendo o que elas têm de melhor a oferecer, procurando aproximar cada vez mais uma crença da outra, rumo à dignidade e solidariedade humana.

A ética enquanto princípio universal de conduta, segundo Rorty, é indiferente às variedades lingüísticas. O artigo iniciará com uma breve apresentação geral do modelo idealista de verdade ética. Em seguida apresentará a verdade ética para os pragmatistas, juntamente com a visão ética de Richard Rorty (cujo fio condutor está na solidariedade). Por fim, a conclusão que dirá: não existe mais uma ética universal para a sociedade contemporânea. Por onde se pode falar de ética no período contemporâneo, segundo o pragmatista norte-americano Richard Rorty?

O MODELO IDEALISTA DE VERDADE ÉTICA

Desde a Grécia antiga, o termo Ética foi definido por alguns filósofos como a ciência da conduta humana. E moral como a aplicação direta dessas diretrizes de conduta na convivência entre as pessoas, animais e natureza – costume ou hábito. Para os idealistas, a Ética pensa em leis universais, valores universais, e a moral pensa na aplicação real prática desses valores na interface com o indivíduo. Pedagogicamente poderia se dizer: seria uma falta de Ética uma fábrica de cimento poluir o ar de uma cidade inteira. E seria um ato imoral uma pessoa fumar dentro de um elevador ao lado de uma gestante. Fixados

na idéia pura e indubitável sobre os costumes, os idealistas presumiram em seus escritos que todo homem está apto a observar tais valores por serem universais (aplicados a todos indistintamente). O individual está submisso à ordem ideal.

Filósofos como Platão e Kant entenderam que a Ética (os valores, as normas de conduta) devia ser única e verdadeira para todos. Ou seja, toda vida humana devia se dirigir para certas leis de conduta universais. Essas leis deviam ser seguidas por todas as pessoas, indistintamente. Segundo Platão, só é possível um cidadão agir eticamente se esse for educado a obedecer a padrões universais e inabaláveis (essenciais) de conduta. Mas hoje é possível encontrar formas de pensamento filosófico que não concordam com Platão nem Kant. É o caso do pragmatismo norte-americano representado por Richard Rorty – filósofo americano contemporâneo que atualmente leciona na universidade de *Stanford*.

Para Rorty, os sistemas éticos possuem uma variedade enorme de análise, assim como a linguagem. Não é possível elaborar fundamentos sobre a ética sem conhecer as culturas e a linguagem que cada grupo de pessoas adota para eleger valores e desvalores. A própria idéia que Rorty tem da expressão “pós-moderno” vem traduzir essa resistência aos fundacionistas. Em seu livro “Ensaio sobre Heidegger e outros” o filósofo diz: *Eu mesmo usei algumas vezes o termo “pós-moderno”, mas sempre no sentido mais restrito definido por Lyotard, ou seja: enquanto “desconfiança frente a metanarrativas”*. (RORTY, 1999: p. 13).²

A VERDADE ÉTICA PARA OS PRAGMATISTAS

O pragmatismo norte-americano tem como expoentes Charles S. Pierce, William James, John Dewey, Quine, Donald Davidson,

⁽²⁾ RORTY, Richard. *Ensaio sobre Heidegger e outros – Escritos Filosóficos 2*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1999.

Robert Brandom e, é claro, Richard Rorty. O pragmatista tem uma relação bem discrepante do idealista com o termo Verdade. Platão colocava a verdade como algo metafísico, sublime, intocável e plena – longe da experiência sensível. Já os pragmatistas percebem de outra forma. Para eles

o verdadeiro é apenas aquilo que é conhecido, e a verdade absoluta é aquilo que é absolutamente cognoscível. O pragmatismo rejeita o realismo metafísico, porque uma realidade transcendente é inútil e carece de significado (...) a realidade se resume a objetos conhecidos ou cognoscíveis (...) Para haver aumento real do conhecimento humano, é preciso que esse aumento se dê num contexto mais amplo de natureza experienciável cuja existência seja independente do conhecimento humano, mas o transcenda. (SHOOK, 2002: p.22)³

Essa noção de verdade, dita pelos pragmatistas, reflete de forma direta na Ética de Rorty. Ele não acredita que os atos morais possuem imperativos universais, como assinalou Kant. No pragmatismo norte-americano de Rorty, as noções de certo e errado, falso e verdadeiro variam conforme a cultura e a linguagem. Conhecer as culturas e seus comportamentos lingüísticos é entender a ética não como um estabelecimento único da Verdade Ética⁴. Mas como promoção de um diálogo solidário em meio às diferenças. Não existe uma norma ética ou moral para a qual todas as pessoas devam caminhar. O que existe é a capacidade de relacionar com as mais diferentes tradições e escutar o que o “outro” tem a dizer. Rorty diz que *nossa relação com a tradição precisa ser uma nova escuta do que já*

⁽³⁾ SHOOK, John. *Os pioneiros do pragmatismo norte americano*. Ed. DP&A, Rio de Janeiro, 2002.

⁽⁴⁾ Rorty, na introdução de seus escritos filosóficos, volume 3 diz: *If pragmatists cannot offer a theory of truth, what can they do? They can point out, (...) that truth is not a goal of inquiry. If “truth” is the name of such a goal then, indeed, there is no truth.* (RORTY, Richard. *Truth and Progress – Philosophical Papers – Volume 3*. Cambridge, 1998.

não pode mais ser ouvido, ao invés de um discurso sobre o que ainda não foi dito. Esta idéia se reforça com a psicologia de William James:

...nossos pensamentos visam a controlar nossa conduta, de modo que todos os pensamentos são direta ou indiretamente envolvidos na decisão sobre como agir. A experiência humana não é apenas um processo, ela é também criativa (...) Como não temos apenas um pensamento de cada vez, e sim muitos pensamentos juntos, nosso pensamentos podem nos levar a muitas ações ao mesmo tempo. (SHOOK, 2002: p. 101)⁵

RORTY E A ÉTICA DA SOLIDARIEDADE

Richard Rorty tem uma forma peculiar de falar de Ética, mas conserva a maioria das críticas feitas à noção de verdade posta pelos pragmatistas. Segundo Paulo Ghiraldelli Jr, *Rorty tem um apreço especial pela liberdade, e a vê ameaçada quando encapsulada por regimes, partidos ou situações que favorecem a idéia de Verdade, da verdade única*⁶. Não existe um padrão ético (como dizia Platão) a ser seguido por todos. Não existe uma ética contemporânea capaz de nortear as ações de todas as pessoas, como existiu no período medieval – com a Igreja – e na idade moderna – com a razão. O que existe na verdade são justificações lingüísticas que são feitas a partir da experiência, da educação própria de cada país, cidade, tribo, família... Rorty contesta a filosofia que postula verdades metafísicas, fundacionistas ou absolutas. Para ele toda verdade, e principalmente a verdade ética, não ultrapassa os limites e o entendimento da linguagem (comportamentos lingüísticos). Para que se entenda uma

⁽⁵⁾ Idem nota 2.

⁽⁶⁾ GHIRALDELLI Jr, Paulo. *Richard Rorty – a filosofia do novo mundo em busca de mundos novos*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1999. p. 46.

determinada conduta é necessário conhecer como o grupo se comporta, convive e julga. A proposta solidária está em compartilhar as vantagens que cada grupo pode oferecer ao outro em direção à promoção da dignidade humana.

As enormes variedades de assentimentos morais são analisadas e conhecidas a partir de comportamentos lingüísticos. Não é possível mais estabelecer uma norma de conduta universal válida para todos na sociedade contemporânea. O máximo que se pode fazer, nas ações do cotidiano, é conhecer os conjuntos de justificações éticas ou morais de cada tipo de conduta. Ou seja, visitar os conjuntos lingüísticos que compõe o cenário da expressão ético/moral dos mais variados tipos. Desta forma não é possível pensar em postulados a priori da conduta e sim em justificações éticas ao longo da experiência de uma comunidade. *Para o pragmatista, ao contrário, 'conhecimento' é, como 'verdade', simplesmente um elogio feito às crenças que consideramos estar tão bem justificadas que, no momento, não é necessária justificação adicional.* (RORTY, 1991: p. 113)⁷

Cada comunidade possui uma linguagem. Os atos morais devem ser observados conforme o conjunto de justificações lingüísticas próprios. As justificações são feitas de acordo com as ferramentas lingüísticas adequadas. Para Rorty, não é possível analisar e julgar atos morais de uma comunidade africana tendo por base ferramentas lingüísticas japonesas. O certo e o errado estão diretamente relacionados com o que a comunidade chama de legítimo ou ilegítimo. É impossível estabelecer uma norma de conduta universal para se avaliar a conduta porque a linguagem pode mudar. Se a linguagem muda, as ferramentas lingüísticas também mudam. Mas nada impede um convívio com as diferentes linguagens a partir de uma troca simultânea e solidária de crenças.

⁷ RORTY, Richard. *Subjetividade ou Objetividade?* Novos Estudos – CEBRAP – nº 36, junho de 1993. p. 109-121.

Não é possível traduzir, ou mesmo julgar um ato moral, antes de entender a linguagem usada na justificação (a proposta – crenças – que esta linguagem faz com relação ao bem, ao reto agir e o que se pode aproveitar disso tudo). Portanto, cada comunidade possui um ferramental único e exclusivo para construir suas justificações de conduta – sua ética. A ética da solidariedade em Rorty presta atenção nas novas metáforas que irão literalizar as reformulações de crenças feitas pelas comunidades. Rorty diz que

O pragmatista toma o pensador como alguém que está servindo à comunidade, e vê seu pensamento como fútil se não for seguido por uma reformulação da trama de crenças dessa comunidade. Essa reformulação assimilará, em um processo de gradual literalização, as novas metáforas que o pensador tiver oferecido. A glória do pensamento de um filósofo não é a de que ele inicialmente torna todas as coisas mais difíceis (embora, é claro, isto seja verdadeiro), mas a de que no fim ele torna as coisas mais fáceis para todo mundo. (RORTY, 1999: p. 32)

A atitude solidária na ética de Rorty torna capaz a relação entre crenças de pessoas com comportamentos, linguagem e justificações tão diferentes. Segundo Rorty, o pragmatista não se ilude. Sabe que existem alguns postulados que são inquestionáveis e imutáveis. É o caso da matemática e da geometria para o ocidente. Não é necessária uma argumentação original para justificar diferentemente tais verdades. Segundo Rorty

Os objetos de verdades matemáticas não se deixarão julgar ou relatar erroneamente. As verdades paradigmaticamente necessárias, tais como os axiomas da geometria, não têm, supostamente, nenhuma necessidade de justificação, de argumentos, de discussão – são tão indiscutíveis como o comando de Zeus desfechando o relâmpago, ou de Helena convidando para sua cama (RORTY, 1995: p. 164)⁸.

⁽⁸⁾ RORTY, Richard. *A Filosofia e o Espelho da Natureza*.

A ética da solidariedade de Rorty tem valores básicos como, o respeito à vida, a dignidade humana, a saúde, que são indispensáveis para o grupo de convívio do qual Rorty participa. Existem também os contra-valores: a violência, a escravidão, a morte. O fato de Rorty se apoiar num determinado comportamento lingüístico, não impede que o filósofo interaja com outras culturas e crenças em busca de pontos comuns e uma aproximação. Nas palavras de Rorty, *precisamos trabalhar a partir de nossas próprias luzes. Crenças sugeridas por outras culturas precisam ser testadas através da tentativa de combiná-las com as que já possuímos (...) observando outras pessoas ou culturas como membros ou representantes (...) tratando-os enquanto partes de um grupo, no interior do qual a concordância não-forçada deve ser buscada.* (RORTY, 2002: p. 59)⁹ Não é possível presumir, porém, que todas as pessoas no mundo tenham como máximas os mesmos valores ou desvalores. Mas espera-se que haja uma solidariedade entre os grupos para que uma aproximação entre valores seja possível. Em seu artigo, *Solidariedade ou Objetividade?*, Rorty afirma que *há sempre espaço para uma crença melhorada, desde que nova evidência, ou novas hipóteses, ou todo um novo vocabulário pode surgir.*¹⁰ (RORTY, 1991: p. 111)

Para que se entenda o comportamento de uma comunidade, cujos valores são diferentes, é necessário conhecer as ferramentas lingüísticas desta comunidade. Se isso não for feito, logo a intolerância irá se estabelecer e o objetivo solidário que Rorty propõe, em sua ética, não terá sentido. Rorty não tem a ilusão de querer convencer o mundo de suas verdades. Não quer resolver nem dar uma resposta que encaixe perfeitamente em todos os contextos. Mas estabelecer uma relação onde a verdade não é o objeto de seu interesse e sim a solidariedade entre os povos e nações, em busca de uma tolerância na discordância. O pragmático, diz Rorty,

⁽⁹⁾ RORTY, Richard. *Objetivismo, relativismo e verdade*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

⁽¹⁰⁾ RORTY, Richard. *Subjetividade ou Objetividade?* Novos Estudos – CEBRAP – nº 36, junho de 1993. p. 109-121.

Sugere que, ao invés de invocar algo como as distinções entre idéia e fato (...) entre mente e mundo, ou sujeito e objeto, para explicar nossa intuição (...) nós simplesmente abdicamos dessa intuição (...) em favor do pensamento de que podemos ser melhores do que presentemente somos – no sentido de sermos melhores teóricos, cientistas, cidadãos ou amigos (...). O desejo por “objetividade” perde suas partes desnecessárias e acaba no desejo por adquirir crenças que (...) irão eventualmente receber concordância não-forçada no curso de um encontro livre e aberto com pessoas que detêm outras crenças. (RORTY, 2002:p. 63)¹¹

CONCLUSÃO

Não existe mais uma Ética universal para a sociedade contemporânea. Segundo Rorty existem apenas justificações éticas que devem ser entendidas conforme cada comportamento lingüístico. As diversas formas de linguagem fez com que os valores também se tornassem diversos e, por essa razão, dignos de análise e conhecimento. Seria absurdo falar de ética para o mundo, desconsiderando as diferenças de linguagem. E essas diferenças não impedem um diálogo solidário entre as diferenças em busca de uma aproximação entre as crenças. Segundo Rorty, *nós temos o dever de falar com cada um dos outros, de conversar sobre nossas visões de mundo, de usar a persuasão ao invés da força, de sermos tolerantes frente à diversidade, de sermos contritamente falibilistas.* (RORTY, 2002: p.96)¹²

BIBLIOGRAFIA

GHIRALDELLI Jr, Paulo. **Richard Rorty – a filosofia do novo mundo em busca de mundos novos.** Ed. Vozes, Petrópolis, 1999. p. 46.

(11) Idem nota 9.

(12) Idem nota 9.

RORTY, Richard. **Subjetividade ou Objetividade?** Novos Estudos – CEBRAP – nº 36, junho de 1993. p. 109-121

_____. **A Filosofia e o Espelho da Natureza** Ed. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1995.

_____. **Contingência, ironía y solidaridad.** Ediciones Paidós, México, 1991.

_____. **Objetivismo, relativismo e verdade.** Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

_____. **Truth and Progress – Philosophical Papers Volume 3.** Cambridge, 1998.

SHOOK, John. **Os pioneiros do pragmatismo norte americano.** Ed. DP&A, Rio de Janeiro, 2002.

THOMPSON, Simon. **Richard Rorty on truth, justification and justice.** In. Richard Rorty – critical dialogues, Ed. Polity, Cambridge, 2001.